



Princípios Norteadores para uma Pedagogia Singular do Lume Teatro

Renato Ferracini
(LUME - UNICAMP)

Ana Cristina Colla
(LUME - UNICAMP)

Raquel Scotti Hirson
(LUME - UNICAMP)

Resumo |

O presente ensaio busca contribuir com uma visão pedagógica dos cursos de curta e média duração desenvolvidos pelo LUME – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais – UNICAMP¹, oferecidos no evento Cursos de Fevereiro. Esse evento, vinculado à Jornada Internacional Atuação e Presença, acontece de forma contínua desde o ano de 2001. O texto apresentado é baseado na experiência e em códigos de ação que se fortalecem e se atualizam de forma contínua nesta experiência de formação não oficial que acontece há quase 25 anos, nos quais foram ministrados em torno de 175 cursos com aproximadamente 2.700 participantes. O ensaio apresenta apontamentos sobre os princípios norteadores dessas ações pedagógicas: 1) Continuidade, processualidade e transbordamento; 2) Integração; 3) Pacto do desejo de experiência; 4) Ética relacional e 5) Condução composicional.

Palavras-Chave: Cursos de teatro; Presença. Treinamento; Práticas pedagógicas teatrais; Princípios pedagógicos teatrais.

Abstract |

This essay seeks to contribute with a pedagogical view of the short and medium-term courses developed by LUME – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais – UNICAMP, offered at the Cursos de Fevereiro event. This event, linked to the

1. Ana Cristina Colla é atriz-pesquisadora do Lume (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais UNICAMP) e professora permanente do PPG Artes da Cena do IA, UNICAMP.

Raquel Scotti Hirson é atriz-pesquisadora do Lume (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais UNICAMP) e professora permanente do PPG Artes da Cena do IA, UNICAMP.

Renato Ferracini é ator-pesquisador do Lume (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais UNICAMP) e professor permanente do PPG Artes da Cena do IA, UNICAMP.

International Acting and Presence Conference, has been taking place continuously since 2001. The text presented is based on the experience and codes of action that are continually strengthened and updated in this unofficial training experience that has been taking place for almost 25 years, in which around 175 courses have been taught with approximately 2,700 participants. The essay presents notes on the guiding principles of these pedagogical actions: 1) Continuity, processuality and overflow; 2) Integration; 3) Pact of the desire for experience; 4) Relational ethics and 5) Compositional conduction.

Keywords: Theater courses; Presence; Training; Theater pedagogical practices; Theater pedagogical principles.

*"De qualquer modo dança.
De qualquer modo sente.
De qualquer modo o corpo contém o dia.
De qualquer modo as cores e o Músculo.
De qualquer modo o coração.
De qualquer modo sempre no Fundo a
Memória.
Mas de qualquer modo sem TEORIAS.
De qualquer modo com a teoria da poética
que é não existir teoria e só existir poética.
De qualquer modo a ciência atrapalha 1 pouco
mas não totalmente.
De qualquer modo a Curiosidade."
Gonçalo Tavares*

Primeiramente devemos deixar claro o que se busca nas experiências pedagógicas do Lume. Os cursos, todos eles, independente do roteiro pedagógico de cada ator ou atriz, país ou localidade que for ministrado, busca um trabalho comum que é baseado no que chamamos de nossos pilares pedagógicos e posturas/intensificações.

1. O primeiro pilar pedagógico do Lume nos diz que trabalhamos os corpos dos artistas na busca de uma experiência de força e não sobre elementos técnicos, concretos, inteligíveis, palpáveis e visíveis. Força como elemento invisível, afetivo e relacional que de certa forma transforma os corpos envolvidos. Buscamos uma pedagogia da busca das forças invisíveis da poética do corpo.

2. O segundo pilar pedagógico nos diz que partimos do corpo como âncora de experiências dessas forças. O processo pedagógico do Lume deve buscar e fazer outros corpos experimentarem as formas dessa força (Gil, 2005). Exatamente por isso nossa pedagogia não pode ser realizada

de forma direta, objetiva e concreta em seu caráter técnico-objetivo, mas ser tratada como campo de experiências de forças e campos de potência e intensificação de sensação.

3. O terceiro pilar pedagógico do Lume diz que essas formas de força e intensificações de sensações podem ser ativadas e buscadas nas experiências de limite do corpo. Acreditamos que quando o corpo é conduzido de forma sutil, respeitosa e afetiva a essas experiências de limite, ele pode gerar desautomatização, despadronização e fazer desmoronar formas conhecidas para abrir espaço para outras composições possíveis e para as intensificações dele mesmo.

4. O quarto pilar pedagógico nos diz que os corpos se intensificam na relação com outros corpos. O Lume, portanto, trabalha sempre em zona de jogo e relação seja com outro, com o espaço, com o tempo, com a música, com seu próprio corpo e mesmo com a técnica e a forma. Ao trabalhar sobre as forças (cf. pilar pedagógico 1) e sendo a força por definição um elemento invisível e relacional e que afeta e transforma os corpos nessa relação, essa força somente pode ser trabalhada na composição com outras forças. No Lume, qualquer processo pedagógico ou de treinamento é sempre coletivo, em relação, mesmo se trabalhado de forma solitária em sala.

Esses pilares inferem ao menos três posturas pedagógicas que atravessam todas as ações de compartilhamento de experiências do Lume ao que se refere às ações pedagógicas a serem buscadas e experienciadas:

1. Primeira postura de busca de ações pedagógicas: cada ator e atriz, a partir de suas pesquisas e experiências, deve criar, gerar e experimentar trabalhos que levem o corpo do outro a um limite e a possíveis intensificações para que este outro descubra, processe, experiencie e vivencie possibilidades de outras relações afetivas e outros modos

de relação de seu corpo com ele mesmo e com o entorno.

2. Segunda postura de busca de ações pedagógicas: cada ator e atriz deve ter a postura e procurar focar a atenção ao sutil, ao delicado, ao campo sutil de sensibilidade e sensações do outro. O Lume, em seus processos pedagógicos, deve criar um conjunto de práticas no qual, a partir da escuta dessas micro sensações, micro relações, micro percepções, possa gerar corpos porosos em sua experiência pedagógica. Focar no pequeno, no sutil, na escuta, nos poros, na possibilidade de ser afetado pelo mundo, pelo outro e pelo coletivo.

3. Terceira postura de busca de ações pedagógicas: todas as ações, pilares e posturas anteriores não estarão centradas somente em uma consciência concreta e intelectual, mas deve dar espaço para um conhecimento sensível, sensual, da sensação. Deve treinar (em si e no outro) a possibilidade de um conhecimento intuitivo e poético. Um conhecimento do corpo, da relação. Buscar pedagogicamente um conhecimento de um corpo intuitivo.

Desses pilares e posturas pedagógicas basilares para o Lume, podemos ainda perscrutar alguns princípios norteadores que emergem desse alicerce pedagógico. Para nós, estes princípios não surgem de antemão, mas seguem sendo criados e modificados no percurso. Este ensaio procura discorrer sobre a maneira como eles ocorrem no Lume hoje, nos corpos singulares e coletivos, com uma maneira própria de conduzir e compreender a pedagogia artística específica do Lume, ainda que muitos deles sejam parte constituinte de diversos outros processos artístico-pedagógicos que se dão em outros contextos.

Discorreremos sobre os seguintes princípios norteadores que emergem de nossos pilares e posturas: 1) Continuidade, processualidade e transbordamento; 2) Integração; 3) Pacto

do desejo de experiência; 4) Ética relacional e 5) Condução composicional.

Também devemos entender esses princípios norteadores não como ilhas estanques e independentes em si, mas como uma tessitura viva em que um princípio alimenta, constrói, edifica e enlaça o outro numa dança de criações, recriações, investigações e experiências que se atualizam a cada fevereiro em nosso ninho-sede e a cada curso ministrado em qualquer parte desse mundo geográfico-teatral.

Continuidade, Processualidade e Transbordamento

Estamos falando do Lume.

O Lume nasceu na UNICAMP, no ano de 1985. Porém, cresceu e se criou fora do espaço do Campus Universitário, na Vila Santa Isabel, em um distrito da Cidade de Campinas (SP), de nome Barão Geraldo. Na década de 1980, somente as avenidas e ruas principais eram asfaltadas, o comércio era escasso, viam-se poucas pessoas transitando pelas ruas. A partir do início dos anos 2000 essa paisagem começou a ser tomada por um tráfego mais intenso, especulação imobiliária e corte de árvores. O Lume passou seus primeiros nove anos compartilhando o salão paroquial de uma igreja católica do bairro para realizar suas pesquisas de corpo e voz, assim como os espaços externos de uma enorme fazenda que ainda ocupa o coração do distrito.

Estamos falando do Lume.

Falamos daqui, de uma casa na Vila Santa Isabel, construída nos anos 1950, na qual o Lume vive desde 1994. Ao habitar a casa, as pesquisas ainda se davam sobretudo na sala de trabalho, que não era mais o salão da igreja, mas uma sala que - diz a lenda - havia sido capela e que, na chegada das/os integrantes do Lume, tinha piso de cimento pintado de verde bandeira, o que a fez ser nomeada permanentemente de Sala Verde. As horas infindáveis de treinamentos corpóreo-vocais aconteciam na Sala Verde enquanto Barão Geraldo crescia silenciosamente; a comunidade da UNICAMP criava raízes

nos terrenos antes inabitados; estudantes se acomodavam na Moradia Estudantil (que se construía a menos de 1 Km do Lume) e a Vila Santa Isabel se povoava de artistas da cena e da música. Um colorido sonoro que se percebe nas casas e praças que se vestem de espaços culturais.

O portão da antiga casa se abriu à comunidade logo no primeiro ano, tamanha alegria da conquista junto à universidade que nos abrigava, por um espaço para fazer, respirar e compartilhar teatro. Timidamente a vizinhança foi se achegando, estudantes da Moradia Estudantil, comunidade da UNICAMP e de Barão Geraldo, de Campinas, da Região, de outros Estados, de muitos países. A casa se expandiu e virou casa-teatro, varanda-teatro, escada-teatro, jardins-teatro, pátio-teatro, salaverde-teatro. O portão da antiga casa não mais se fechou e de portão virou portal, por onde transitam fluxos de idas e vindas, de saídas e de chegadas, de teatro-gente que cria uma pedagogia enraizada no movimento, que se cultiva na improvisação, que se consolida no improvável, no instável, na potência da coletividade.

O Lume atual existe multifacetado porque transbordou dos treinos e do mergulho em sala de trabalho. No princípio era um ninho, uma incubadora, um lugar protegido para a realização dos experimentos. Depois de 8 anos o trabalho começa a transbordar, em camadas, em esferas diferentes. Tem a esfera espacial, que faz com que o trabalho viaje física e virtualmente para o mundo e com que o mundo atravesse nosso portão/portal. Nessa esfera vê-se também um Lume acontecer independentemente dos 7 atores e atrizes, em rede de contágio. Há camadas sutis, invisíveis, que transportam os princípios aqui descritos e que, portanto, criam uma identidade móvel.

As atividades pedagógicas exercidas pelas atrizes e atores pesquisadores do Lume, para além das oferecidas na casa sede do núcleo, também se expandem para outros contextos. Essa característica faz com que a difusão das práticas se amplie e nos coloque em constante desafio, atualização e aprofundamento, pela pluralidade dos cenários encontrados: diferentes cidades

Figura 1 - Sede do LUME. Foto: Acervo do LUME.



e países com culturas corporais distintas. Não se trata apenas de adaptar técnicas ou exercícios para serem usufruídos por todos, isso seria a camada mais superficial. Nosso foco está na composição de saberes, na escuta de cada território, cada corpo, cada pessoa, cada situação, para compor COM.

A continuidade é um princípio que permeia a própria existência longa do Lume, que alicerça e que abraça o mesmo corpo de 7 atrizes/atores. O idealizador, Luís Otávio Burnier, faleceu jovem, em 1995. O corpo Lume se desenvolve em continuidade e se retroalimenta de pesquisas e processos em contínua verticalização e amadurecimento, numa engrenagem ativa que exige grande disponibilidade de reinvenção. O primeiro pacto foi delimitado em número de anos – mínimo de 20 anos de trabalho continuado – mas o pacto tem a ver com desejo, com utopia, com o sonho de cultivar as relações e um espaço de criação afastado das grandes cidades, no qual a

pesquisa pudesse ser incubada, protegida, para posteriormente transbordar.

Este princípio, em seu decorrer, passa a reger quase que espontaneamente a continuidade dos espetáculos e demonstrações criadas (alguns seguem em repertório há 20, 30 anos); a continuidade dos eventos; dos materiais (objetos, cenários, figurinos, em constante reciclagem); das parcerias de trabalho; de um arquivo histórico físico e virtual; do fluxo de publicações em livros e periódicos que mantêm e ao mesmo tempo questionam, atualizam e divulgam constantemente as pesquisas; e dos cursos, que geram camadas de continuidade.

A continuidade permite com que os princípios se delineiem no processo e com que os corpos, os nossos corpos, centrais em quaisquer das investigações, estejam em constante escuta de sua transformação, de seu amadurecimento e, claro, de seu envelhecimento. A cultura deste corpo-memória, composto de luzes, sombras e potências diversas, influencia os espetáculos e as pedagogias. Sempre o mesmo, diferente. Isso só é possível porque é processual e singular – corpos individuais e corpo coletivo em deslocamento, em relação.

Integração

Há muito entendemos que nossa casa sede e os processos pedagógicos e artísticos que nela acontecem têm uma potência singular, mobilizadora de forças que vão para além do que somos capazes de nomear. Essa certeza não é fruto somente da nossa sensação de plenitude e prazer nessa troca ocorrida nos meses de fevereiro (mês em que são oferecidos vários cursos), mas pelos depoimentos das centenas de pessoas que, anualmente, vêm ao nosso encontro e pelas reverberações que acompanhamos em suas criações quando retornam para seus territórios.

São muitos os fatores que tornam essa experiência singular.

Tudo começa com a preparação da programação, com a equipe do Lume reunida, meses antes, para o planejamento das atividades, cursos, espetáculos, demonstrações, vídeos que

farão parte da programação. Qual cardápio será oferecido para degustação? Quem serão os nossos convidados? E, a cada ano, lançamos para o mundo o nosso chamado, felizes e ansiosos pela expectativa de quem virá ao nosso encontro (enquanto esperamos, enfeitamos a casa, mudamos os móveis de lugar, cuidamos do jardim, para encher de boniteza o nosso lugar).

A programação de atividades (ou o nosso cardápio degustativo) ambiciona proporcionar uma experiência múltipla e intensa pelo seu caráter imersivo e plural. Como em nossas práticas de pesquisa, pensamento, corpo e criação, formam uma tríade inseparável que se retroalimenta e sustenta o nosso fazer/viver arte, entendemos que, o que nomeamos como "processos pedagógicas do Lume", passa pela vivência desses campos, gerados e fortalecidos no encontro entre artistas pesquisadoras/es partilhando suas práticas (paixões).

Criamos assim a Jornada Internacional Atuação e Presença (décima quarta edição anual consecutiva em 2025), que engloba os Cursos de Fevereiro (cursos intensivos de curta e média duração, cujas práticas abarcam as diferentes linhas de pesquisa do Lume), o Terra LUME (espetáculos, desmontagens, palestras, escambos cênicos, lançamentos de livros etc.) e o Simpósio Internacional Reflexões Cênicas Contemporâneas (mesas, conferências e comunicações nas quais são discutidos, conceitualmente, temas, políticas, pensamentos e pesquisas atuais na construção de conhecimento das artes da cena na contemporaneidade).

A Jornada tem uma composição calcada em 40 anos de pesquisa e fazer teatral na arte da palhaçaria, na mímesis corpórea, na dança pessoal, nos treinamentos, nas ações na rua, na presença cênica etc. Sua estrutura não surgiu a priori, ao contrário, ela ajudou a desenhar os limites artístico-pedagógicos de um grande volume de criações singulares na área de técnicas em atuação que vêm sendo compartilhadas em forma de cursos, a cada mês de fevereiro, desde o ano de 2001. Dessa forma criamos redes pedagógicas integradas, ou seja, os Cursos de Fevereiro estão integrados com o Terra Lume, que estão integrados com o Simpósio que está

integrado com a vida noturna - que compõe essa tessitura da vida social junto com a pedagogia - e junto com o pensamento que se dá no Simpósio ou junto com a fruição artística que se dá no Terra Lume. É justamente essa integração que se busca na Jornada e não a compartimentalização. Ainda que algumas pessoas participem só do Simpósio ou só de um curso, a experiência completa é oferecida. Essa integração, este cardápio de possibilidades, é oferecido, tendo a pessoa autonomia para degustá-lo a seu modo. Integrar aquilo que ela deseja, fruir daquilo que ela dá conta, buscar aquilo que lhe interessa.

O TerraLume é um espaço de apresentações de espetáculos, demonstrações técnicas e documentários que se conectam ao curso que está sendo oferecido naquela semana, ou seja, participantes daquele curso podem ter uma experiência o mais completa possível a respeito da linha de pesquisa abordada na semana. O Terra Lume, assim como o Escambo (noite de mostra artística na qual cada um pode compartilhar um pouco do seu trabalho) proporcionam a possibilidade de maior socialização entre as pessoas dos cursos que acontecem na mesma semana, o que acaba transbordando para a vida noturna em Barão Geraldo. O próprio Lume organiza duas festas ao longo da Jornada para proporcionar e ampliar espaços de confraternização. Esse cultivo do agrupamento de pessoas e compartilhamento de saberes em diferentes contextos faz parte da cultura Lume. Convidamos ao transbordamento e escutamos das pessoas o quanto essa rede faz parte de uma forma de se entender uma pedagogia enraizada no saber artístico.

É uma experiência que de fato ultrapassa o tempo e o espaço do curso. E aí a gente vai encontrando pessoas, fazendo cenas, pessoas celebrando. Tem um lugar de celebração e de encontro que é quase que contínuo assim, do momento que acorda até o momento que vai dormir. E isso não só é legal porque é importante se encontrar, mas porque é um revigoramento. Para mim, foi muito desse lugar de estar num espaço não só em

função de uma atividade, mas em função do encontro das pessoas, da realidade, que eram pessoas de vários lugares do país. Então, acho que o que ficou foi isso, a experiência como um todo. Eu não sei bem definir o que foi, porque foi muito bonito. Foi a primeira vez que eu vivi isso (Participante dos Cursos de Fevereiro, 2024 - Brasil, Manaus).

Sonhamos e acreditamos, assim, contribuir para que artistas da cena se apropriem de seu fazer, renovem o prazer pelo ofício que escolheram dedicar suas vidas e nunca se esqueçam de que é no encontro, no estar junto, que está a força vital da nossa arte. E que a construção do conhecimento se dá no tempo, na pesquisa diária, viva e encarnada.

Essa integração e continuidade dos Cursos de Fevereiro podem proporcionar ainda outra questão importante para os artistas participantes:

Aquela artista, aquele pesquisador, aquele ator/atriz que participa da Jornada no Lume, decide como quer fazer, o quanto quer absorver. Algumas pessoas passam pelo Lume, fazem um curso; outras retornam após anos, para reciclar e rever procedimentos; outras retornam a cada ano, ao longo de 7 ou 10 anos. Essas últimas compreendem o Lume como espaço de formação e organizam a sua própria "escola", refazendo cursos, participando de encontros de aprofundamento em determinadas linhas de pesquisa ou criando um currículo que perpassa todos os cursos oferecidos. No intervalo entre um ano e outro, a pessoa tem seu próprio deslocamento enquanto artista, decantando e mesclando sua prática à prática apreendida no Lume, pois os cursos de fevereiro passam a compor o trançado de sua trajetória.

Ela compartilha a experiência com seus pares, cria um espetáculo, ela retorna, aprimora, faz curso com outra atriz/ator, faz redes de relações, escreve e inscreve um pouco do Lume em seu corpo. Ela entende aqueles princípios, que são semelhantes entre os cursos oferecidos, e os absorve através de um outro viés, de um outro ponto de partida ou chegada. Cada artista cria combinações de continuidade diversas, num

processo de formação móvel e autônoma, que se delineia no processo e que se consolida no tempo e em uma composição de alteridades, pois cada uma das pessoas envolvidas nos cursos faz parte da formação das outras.

Portanto, o que se vê é que esses cenários - formativos, interventivos, criativos e conceituais, colocados em tensão nas várias atividades que compõe o conjunto dessas atividades - trabalham, todos eles, com o conceito de "aprendizagem inventiva": construção de um conhecimento corpóreo adquirido na relação afetiva produzida no encontro e baseado na experiência enquanto intensificação.

É muito significativo para mim fazer essa inscrição, pois, se fosse selecionado, estaria concluindo com vocês um processo de formação que tem sido uma viagem maravilhosa pelo teatro, pelo meu corpo e pela própria vida. O tempo passou muito rápido, parece que foi ontem que conheci vocês graças a um amigo brasileiro que mora aqui no Chile e já se passaram quase 6 anos onde pude aprender com vocês e receber a generosidade dos amigos do Brasil. Desde então minha forma de ver, fazer e viver teatro mudou, foi permeada por seus ensinamentos, seus treinos, suas experiências. Agora me inscrevo no último curso que me resta fazer e que ficou para o final do meu processo devido às oportunidades da vida, mas tenho certeza de que tudo tem um motivo e confio plenamente que este re-encontro com vocês neste curso terá um significado especial.

Trabalhar o corpo e as suas capacidades expressivas através da força, energia e presença que vocês propõem é sempre um prazer e um fortalecimento das ferramentas performativas que adquiri ao longo do tempo. Gostaria de terminar esta carta de intenções sublinhando o quanto foi importante para mim encontrá-los no meu percurso teatral, o quão relevantes foram no meu desenvolvimento como ator, como professor e criador. É uma honra ter feito os demais cursos com os 6 atores e sinto-me orgulhoso de concluir com vocês um processo tão nutritivo e sinto-me feliz por ser um "embaixador e profeta" do Lume em meu país (Participante

dos cursos de fevereiro 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025 - Chile).

Pacto do desejo de experiência

A cada ano, em meados do mês de outubro, quando lançamos a chamada para os Cursos de Fevereiro, nos colocamos em estado de expectativa. Alguém virá?

Mesmo após tantos anos, ainda paira no ar essa incerteza ou insegurança. E se tiverem cansados de nós? E se nos considerarem ultrapassados? E se a divulgação não for suficiente?

Mas essa sensação passa rápido, assim que as inscrições começam a chegar, dando lugar ao sentimento oposto. Como faremos caber tanta gente?

A escolha de quem irá compor cada um dos cursos fica a critério do ministrante, que tem liberdade para estabelecer suas diretrizes. Cada curso tem em média 95 inscritos, para 16 vagas. Ou seja, ao menos, 79 pessoas ficarão de fora. E se multiplicarmos esse número para o total dos cursos, esse número se amplia ainda mais. Esse é um trabalho árduo, físico e emocional. Dias são dedicados à leitura de cada uma das cartas, o que leva a certa exaustão emocional, amplificada pela responsabilidade que a escolha implica; ao escolher saber que tantos não poderão estar. E os dados contidos na inscrição, em especial, na carta de intenção, são determinantes nessa fase.

A carta de intenção é o primeiro elo de aproximação, sendo bastante revelador, seja pelo que traz de explícito, na exposição das intenções e desejos, mas também no que se revela por detrás das palavras, no tempo gasto na escrita, na escolha das palavras, no grau de envolvimento e transparência.

O pacto do desejo de experiência começa aqui, na escrita dessa carta. Na ação de parar para escutar e escavar palavras que possam dar conta desse desejo. É a primeira resposta ao chamado.

Em 2019, realizei o curso O Corpo Multifacetado, e até hoje ele continua deixando marcas na minha prática artística. Por isso, insisto novamente: é na insistência que se encontra a profundidade, o ir além dos materiais, mais uma vez. Essas instâncias de fevereiro têm sido fundamentais para mim e se tornaram um objetivo presente e motivador ao longo do meu ano. Voltar a atravessar essa instância de aprendizado é, para mim, reafirmar o que aprendi em 2019 e, posteriormente, aquilo que impulsionou meu trabalho como docente, minha prática de movimento e meu papel nos coletivos nos quais estou envolvida, nas linguagens do teatro e da dança. Nesses coletivos, utilizo a energia e a vibração como ferramentas de trabalho corporal, e os exercícios realizados em 2019 continuam sendo uma base importante (Carta de intenção, Cursos de Fevereiro, 2025 - Uruguai).

Sinto que sempre sou colocada à prova e ao risco, mas tomo esse lugar para dizer que desejo tomar em punhos os meus próprios riscos como rebeldia a normalidade. Desobediência. Estou quebrada e, essa é a parte mais humana que habita em mim sem pretensão de ser inteira, pois até para ser inteira seria necessário se adequar a uma ideia de humanidade que não me pertence, mas que não me impede de ser humana, talvez ciborgue. Ana, hoje eu danço o que as palavras não conseguem comportar, me fiz na penumbra uma, duas, três, em tantas versões e atualizações sabendo que jamais seria inteira. E não desejo ser. Não me falta uma parte, já sou a falta. Traí o gênero, não é tão complicado traír o teatro. E no fundo acho que você e o Lume fazem isso, vocês traem o teatro sabendo que ele pode ser outra coisa, imaginando uma outra condição ou modo de existir e ser (Carta de intenção, Cursos de Fevereiro, 2025 - Brasil, Minas Gerais).

O conteúdo das cartas varia muito entre si, desde a quem são endereçadas, ao ministrante do curso ou a uma entidade abstrata e ou coletiva como o Lume, mas variam especialmente na qualidade do diálogo que se deseja estabelecer com o interlocutor, sendo do mais íntimo ao mais objetivo. Nessa

tentativa de aproximação são expostos desejos e temas de pesquisa, sonhos de criação de espetáculo, dificuldades de dar continuidade a uma pesquisa artística em seus territórios, enaltecimento das práticas artísticas do Lume. Artistas entristecidos e ávidos para retornar à cena, professores em busca de trocas e frescor, pessoas que desejam compartilhar e estar junto. Gente que chega pelos livros que leram das atrizes e atores do Lume, que estudaram sobre nós em suas universidades, que assistiram nossos espetáculos ou que chegam por indicação de amigos e professores. Sempre movidos por algo, por algum desejo, que se iniciou muito antes de nos encontrarmos e que compõe um imaginário sonhado e almejado que diz mais sobre a pessoa que chega do que sobre nós do Lume.

Chegam abertos, com uma predisposição a fazer com que aquela experiência aconteça em toda sua intensidade, que o vivido faça valer a pena tanto esforço, físico, emocional, financeiro para estar ali.

Portanto, esse pacto do desejo de experiência é subliminar e silencioso, mas aparece estampado nos olhares de expectativa e alegria desde o primeiro dia do curso, visível na roda inicial de chegada e que se alarga, expande, fortalece a cada dia, por ser um compromisso firmado consigo mesmo e que se apóia, se encoraja, se alinha a todas as pessoas presentes. Por isso, múltiplo e potente.

E uma outra coisa também, esse desejo, esse compromisso que você faz consigo mesmo a cada dia de trabalho artístico, pedagógico. O que eu quero hoje nesse lugar, com essas pessoas e como eu sustento isso. Então o desejo vira comprometimento (Participante dos Cursos de Fevereiro, 2025 - Brasil, São Paulo).

Porque eu percebo as cartas que eles têm que fazer, com as histórias de onde eles vêm. Tem pessoas que têm muita experiência, tem pessoas que não têm experiência, tem pessoas que vêm já formadas. Tem pessoas que se formam informalmente e buscam o caráter

formativo do Lume. Sendo uma formação informal, né? E eu acho que tem a ver com isso, com esse próprio processo de individuação, que as pessoas sabem que podem encontrar no Lume. Essa confiança que elas têm, que acreditam que aqui eu posso encontrar alguma coisa que está faltando na minha vida, que tem a ver claramente com o processo de formação teatral, mas não tem a ver também com esse processo de formação teatral, pois vai além. Esse é o processo de transformação do sujeito, que acontece com muita força aqui no Lume. E é muito especial, muito especial. Sei que tem uma confluência de histórias aqui e de pessoas que estão procurando uma luz perdida no próprio corpo e que conseguem a partir da experiência. Neste momento, com a crise, buscam encontrar o que prende de novo e que dá gás para o ano todo (Pesquisador Observador dos Cursos de Fevereiro, 2025 - Costa Rica).

Ética Relacional

Um outro princípio no qual nos baseamos nessas experiências pedagógicas de fevereiro é o que chamamos de Ética Relacional. Ética porque é um ethos, uma postura clara de cada ator e atriz do Lume em relação aos participantes de toda a Jornada Internacional - seja do Simpósio, do Terra Lume e principalmente dos Cursos de Fevereiro. Sabemos que o significado social "dicionaresco" de ethos é justamente ser *"... o conjunto de traços e modos de comportamento que conformam o caráter ou a identidade de uma coletividade."* Dessa forma, os modos de comportamento e identidade coletiva dos atores e atrizes do Lume, em relação aos estudantes, artistas e profissionais que chegam em nossa sede em fevereiro, pode ser traduzido pela busca de um espaço de confiança. O Lume cultiva um local, um espaço e um tempo em que os participantes possam, a partir dessa confiança cultivada, se sentirem autônomos em suas pesquisas e ações além de praticar o cuidado de si (Foucault, 2004), ou mais profundamente ainda, praticar um cultivo de si (Quilici, 2011).

Mas quais seriam os princípios dessa ética relacional que

pretende um espaço de cuidado e autonomia dos participantes?

Primeiramente é solapar a hierarquia pré-estabelecida de professor, aluno e mestre. A postura inicial, essencial e basilar dos cursos de fevereiro é uma relação de artistas com outros artistas. Artistas em coletividade que buscam experiências e vivências coletivas a partir de um roteiro pedagógico que cada ator e atriz do Lume propõe. Atores e atrizes do Lume não entram em sala para ensinar ou treinar seus alunos ou estudantes - simplesmente porque não existem ali alunos ou estudantes, mas artistas! O nosso modo de compartilhar saberes e experiências parte da prática do ser artista, e é justamente esse artista-lume que transborda para o campo pedagógico. Cada artista participante dos cursos é responsável pela experiência, assim como cada atriz ou ator do Lume é um aprendiz de seus próprios cursos. Essa horizontalidade pode abrir espaço de potência para troca de saberes e uma inventividade de possíveis outras relações afetivas e poéticas. Talvez sejamos artistas educadores, educadores artistas, pedagogos-artistas...

[...] o professor inventivo o faz por necessidade em se colocar frente ao mundo que tenta se firmar, podendo ao menos mudar o seu valor, seu sentido. Inventando formas de se experimentar o mundo, inventam-se sentidos que subvertem a ordem cotidiana alterando percepções cristalizadas pelo automatismo da cultura de massa (Reichert; André, 2022, p.143).

Os atores e atrizes entram em sala com um ethos, uma ética que busca uma relação horizontal, uma relação entre criadores do corpo dentro de uma postura do não-saber. Nas artes presenciais nunca se sabe. Sempre se busca, se investiga, se experimenta, e se erra sempre e muito! Existe a necessidade de uma postura do não-saber que, no Lume, consideramos a base de sustentação da possibilidade para se criar uma relação horizontal.

Se algum professor ou mestre das artes presenciais te diz, seja sussurrando ao pé do ouvido ou bradando aos quatro

ventos: "Eu sei o que fazer. Eu sei como fazer. O certo é dessa maneira!" - CORRA!

Se algum professor ou mestre das artes presenciais te diz, seja sussurrando ao pé do ouvido ou bradando aos quatro ventos: "Não sei o que fazer, estou com dúvidas, vamos experimentar que talvez alguma coisa aconteça, ou não..." - ABRACE!

É como se a gente estivesse aprendendo uma nova língua... Aqui tem uma linguagem muito específica e muito potente, mas cada indivíduo do Lume, quando você vai fazendo os cursos, você percebe como cada um tem o seu ritmo, a sua melodia, a sua forma de falar. E aí, ver os elementos que eu aprendi lá atrás, que eu utilizei num outro curso da Naomi ou da Raquel sendo utilizado por você e pensar "mas peraí, eu conheço isso". E não, mas não é isso. Isso é outra coisa. Tá indo, tá me levando pra outro lugar. É muito legal! É divertido. Então, isso que você falou, da gente pegar esses elementos, engolir e, colocar pra fora. E vocês também fazem isso, né? dentro do grupo Lume. Vocês brincam com essa variedade imensa de temas, elementos, né? Os elementos plásticos, energéticos, enfim, é isso. Isso é vivo. Na verdade, isso é vivo. Aqui tem uma linguagem muito específica e muito potente. Então, eu acho isso muito poderoso, porque você percebe que está sempre em movimento. Por isso as transformações (Participante dos Cursos de Fevereiro, 2025 - Brasil, Ribeirão Preto).

Assim temos uma ética relacional cujos alicerces são a subtração da hierarquia de professor e mestre para criar um espaço de relação horizontal de experimentação entre artistas. Mas para que isso realmente aconteça não é suficiente somente uma postura unilateral dos atores e atrizes do Lume. É necessário que exista um pacto a ser escrito na pele, no corpo e na experiência prática entre nós e os participantes dos cursos. Esse pacto não pode se basear somente em uma postura racional, lógica e combinada a ser estabelecida a partir de regras coletivas acordadas. Os pactos geralmente são rapidamente desfeitos e frustrados justamente porque

são baseados em conversas lógicas prévias do tipo: "vamos combinar que eu faço assim e você dessa outra forma. Se tivermos essa regra mútua, teremos um pacto entre nós!" Esses pactos baseados em lógicas racionais podem até funcionar em situações cotidianas mais simples como sua postura em uma fila do cinema ou sua ação de fazer compras em supermercados. Porém, quando estamos em um terreno mais pedregoso e afetivo que comporta ou que busca a autonomia na criação, uma entrega corporal, a construção de uma relação horizontal e de confiança mútua; enfim, quando buscamos um cuidado de si e um cultivo de si em uma situação de coletividade, precisamos que esse pacto seja construído de forma sólida, baseada não somente (mas também!) nos combinados lógicos e regras estabelecidas em conjunto.

Os atores e atrizes do Lume buscam construir esse pacto logo no início de cada curso, mas deve ficar claro que essa construção tem seu início no primeiro dia das atividades, mas são continuamente construídos até o final dele, no dia a dia das relações e experiências práticas. Sabemos que qualquer pacto tem a necessidade de uma edificação inicial e também - talvez o mais importante! - sua manutenção e construção contínua.

Mas o que se busca na continuidade do alicerçamento e edificação desse pacto?

Não falar sobre o trabalho fora da sala. Não falar sobre seu trabalho em realidade é, também e principalmente, não falar sobre o trabalho do outro. Se existem experiências práticas em que se deve comentar sobre o trabalho do colega, isso deve ser realizado com respeito, afeto e na postura de sempre potencializar o trabalho do outro. Cada um é parte fundamental do coletivo. Se esse "um" se entrega e se abre para aquela experiência da melhor forma dentro de suas possibilidades, não somente esse "um", mas o coletivo sempre se potencializa. Não existe certo e errado em uma experiência, portanto, a premissa é se entregar e se livrar do peso da necessidade do acerto. Tudo o que se faz no curso está correto, pois é uma experiência, uma busca. Não precisamos chegar a lugar algum.

O trabalho não é, nunca foi e nunca será teleológico, ou seja, não existe um lugar final para se chegar ou ainda um progresso a se conquistar. Não há necessidade de provar nada nem para você mesmo e nem para o outro.

Ou seja, pactos realizados muito pouco em combinados racionais de conversas prévias, e muito mais no cotidiano das práticas e experiência durante o tempo do curso. Para nós do Lume esse pacto proporciona um real espaço de autonomia e um potente espaço-tempo de investigação no qual se é permitido errar, acertar, se frustrar, conquistar, cansar, experimentar.

(Não falar sobre o trabalho durante o curso) Eu achei isso uma ferramenta didática muito boa, porque a gente tá no meio do processo e ficar abrindo, ficar um tempão conversando, acaba perdendo também parte da experiência, porque daí já vai resolvendo as dúvidas, mas, ao mesmo tempo, também é uma ferramenta de muita autonomia. Por que às vezes a gente já quer tirar a dúvida, então tem essa paciência de sair com dúvida. Mas daí você mesmo soluciona a dúvida e depois vai saber o caminho, sabe? Ela dá direito a você esperar para resolver a dúvida. Ou não também. Vou sair provavelmente daqui com muitas dúvidas. E é muito bom porque você sai instigado a pensar mais e, a partir daqui organizar essas ferramentas todas que você trouxe de trabalho que são valiosíssimas, né? Então, eu queria deixar esse comentário assim a respeito dessa em relação a essa coisa da dúvida mesmo assim, como é bonito a gente conseguir. Encontrar a própria resposta ou não, e aceitar. Para mim isso foi muito forte durante a semana toda, porque eu sou uma pessoa que gosta muito de ficar perguntando e talvez eu fosse interromper a aula o tempo todo para perguntar, sabe? Então, para mim foi muito bom. Eu acho que eu vou até usar isso com meus alunos, porque eu os deixo ficarem fazendo perguntas o tempo todo. Daí, quando vê, tá perdendo o tempo de aula e experiência também. Então, eu achei isso bem valioso. Muito obrigada (Participante dos Cursos de Fevereiro, 2025 - Brasil, Uberlândia).

Essa postura de construir esse espaço de confiança em sala de trabalho durante as atividades dos Cursos de Fevereiro e todas as outras macro ações organizadas dentro da Jornada Internacional Atuação e Presença; essa busca da autonomia da investigação de si, o cultivo de si e do coletivo com cuidado, afeto e respeito e toda essa postura, esse *ethos* que estamos chamando aqui de Ética Relacional é reflexo direto da postura das investigações do próprio LUME nesses 40 anos de existência. É o espelho desse ninho investigativo que se tornou o LUME.

Podemos dizer que essa Ética Relacional, tal como posta até o momento, tem como um dos objetivos uma certa subtração, um retirar e um se esquivar de posturas comuns e pré-concebidas que pressionam de forma impotente esse ser singular que se presta a esse pacto conosco. E singular deve ser entendido aqui no sentido que nos aponta Deleuze e Guattari: *"Por singularidade, é preciso não entender alguma coisa que se oponha ao universal, mas um elemento qualquer que pode ser prolongado até a vizinhança de um outro, de maneira a formar uma junção"*. Singularidade como conexão para e com o outro (seja outra coisa, outro corpo, outro espaço, outro tempo, outro...). Para se trabalhar nesse processo da singularidade é preciso uma ruptura, uma certa desarmonia e um desfazer o sentido. Portanto, a subtração nessa Ética Relacional que molha e cultiva nossos Cursos de Fevereiro, busca produzir um campo de confiança, afeto e autonomia a partir da subtração de pré-conceitos arraigados, não somente na arte presencial mas no *socius* atual como: hierarquias pré-estabelecidas professor-mestre-aluno; campo supostamente mais potente de um saber; o tal "progresso acumulativo para se chegar em um resultado final"; o "provar que consegue fazer ou resistir para si mesmo e para os outros como sinal de força, perseverança e atitude". Buscamos subtrair também as ditaduras dualistas tais como as do certo e errado, do melhor e pior, do bom e ruim, do falso e verdadeiro, do bonito e feio.

Esse plano de confiança e autonomia para a experimentação - que se pactua de forma contínua nos cursos - tem como

desejo e afirmação trabalhar justamente essa singularidade tendo como ponto em comum do grupo o caminho da dramaturgia pedagógica de cada ator e atriz do Lume. Em outras palavras, buscamos de forma horizontal trabalhar esse ser singular, que se prolonga e se junta com o outro. Buscamos, juntos, gerar um campo para potencializar essa singularidade (nem só individual, nem só coletivo). Convidamos a todos, e a nós mesmos, de forma singela e potente a investigarmos, na prática, possibilidades de ruptura, de desarmonia, de um certo desfazer de sentidos dados. Convidamos para a afirmação de uma singularidade que se prolonga e se conecta ao outro, e rechaçamos de forma veemente a afirmação do individual.

Essas subtrações, podemos dizer, nos aproximam claramente da via negativa de Grotowski, que em sua definição clássica busca eliminar resistências e liberar os impulsos do aparato psicofísico do atador. A diferença aqui é que essa via negativa é buscada também como pacto que se constrói de forma conjunta e convivial no tempo e espaço dos cursos. Como exemplo disso podemos citar duas ações que são realizadas logo nos primeiros minutos de três cursos ministrados nos Cursos de Fevereiro.

Em dois cursos - Corpo como Fronteira ministrado por Renato Ferracini e Corpo Multifacetado ministrado por Ana Cristina Colla - o ato inicial de se apresentar é modificado e invertido. A pessoa deve olhar para a pessoa ao seu lado - inicia-se pelo lado esquerdo ou direito - e perguntar o seu nome. Munido somente dessa informação ela deve apresentar a pessoa ao lado como se fosse ela própria. Como as pessoas no primeiro dia não se conhecem, a pessoa que está se apresentando - no caso apresentado o outro - passa a inventar uma figura, a fabular uma história, a inventar ficcionalizar acontecimentos e biografias para poder apresentar a pessoa ao seu lado, um ser que ela nunca viu.

No caso do curso Mímesis Corpórea ministrado por Raquel Scotti Hirson o exercício é diferente. Raquel solicita, antes do início do curso, imagens e textos que sejam caros aos artistas e que devem ser escolhidos pelos artistas participantes. Esse

material é para ser utilizado durante o curso e deve ser trazido impresso pelos participantes logo no primeiro dia de trabalho. No ato da apresentação de cada um, logo no primeiro momento desse curso, Raquel pede para os participantes se apresentarem atravessados por essas imagens textos escolhidos.

Esses dois deslocamentos aparentemente simples - apresentar o outro desconhecido como se fosse você mesmo ou se apresentar a partir das imagens escolhidas - também é uma estratégia de subtração. Subtrai-se, logo de início, a biografia pessoal formal tal como profissão, títulos, experiência prévia nas artes etc. Subtrai-se, portanto, qualquer possibilidade de ego biográfico. Buscamos em todo o curso, mas iniciando por esse exercício aqui usado como exemplo, solapar a imagem de sujeito identitário, funcional, fixo e apriorístico para dar espaço a um processo de sujeito, mais precisamente a um processo de subjetivação que implicará, durante o curso, ações e posturas ativas para a possibilidade de uma investigação de si, do outro, da relação, dos limites e fronteiras do corpo em estado de experimentação.

E aí tem uma coisa também muito legal que aconteceu, que tem a ver com uma prática específica, que foi a roda de apresentação inicial que a Cris sugeriu que uma pessoa apresentasse a outra sem que ninguém conhecesse a pessoa apresentada. Então foram geradas ficções acerca das pessoas. Ninguém disse seu currículo, ninguém sabia de onde era. A gente sabia o nome e o lugar. Mas assim, não mais que isso. Isso gerou uma condição de igualdade entre nós que fez com que o caminho do grupo fosse de uma abertura muito grande. Porque ninguém ali sabia quem sabia mais, quem era professor, quem era aluno, quem tava chegando. Então isso foi muito precioso (Participante dos Cursos de Fevereiro, 2025 - Brasil, São Paulo).

A subtração de todos os processos citados acima e, mais fortemente, desse sujeito dado a priori pode, no processo do curso, gerar espaços de frestas e outros respiros possíveis para a emergência da ficcionalização, da fabulação, da experiência

de presença enquanto construção de relação com o outro a partir de outro espaço e outro tempo. Enfim, pode abrir espaço para uma experiência de criação e auto-criação.

Essa ética relacional que propomos nos cursos de fevereiro é, portanto, um conjunto de ações e posturas de subtração que tem como finalidade gerar espaços de afirmação. Subtraímos para afirmar outras possibilidades e modos de experiência e existência. Subtraímos para afirmar a autonomia criativa, a ficção, a fabulação, o processo de subjetivação e transformação. Mas principalmente subtraímos para afirmar a relação. Uma relação afetiva que, ao modo de Espinosa, busca uma ética da alegria (ESPINOSA, 1992) como a eterna busca de um afeto que produza uma ampliação de ação no mundo. Essa ética relacional está, portanto, completamente baseada na teoria dos afetos e na ética da alegria de Espinosa.

Por dedução lógica: Cursos de Fevereiro = Alegria.

Eu vejo a potência desse trabalho pelo coletivo, sabe, o quanto o coletivo que engajou tudo o que aconteceu e como você soube engajar e provocar esse coletivo. Porque a experiência que eu tenho, como é um percurso mais pela dança, vem de um lugar muito individual para chegar no coletivo. E o tempo todo aqui foi pelo coletivo. E que lógico que toca esse individual, porque o individual é o coletivo. Me interessa essa relação porosa entre dança e teatro e o que que a gente tem em comum é o corpo. E essa presença do corpo, e como que essas presenças de vocês que, eu não sei, cada um se apresentou de forma fictícia. Eu comecei esse curso me apresentando como Luciana. Então conheci vocês de forma fictícia. E como esse fictício é real! Assim, o quanto foi construindo realmente essa personalidade coletiva. Então não interessa e não interessou essa personalidade pessoal. Isso foi muito gratificante para sentir a energia do coletivo (Participante dos Cursos de Fevereiro, 2025 - Brasil, Campinas).

Condução Composicional

Obviamente essa ética relacional molda e constrói um modo específico de condução. Sempre damos muita atenção a esses

modos particulares de condução pois são eles que alimentam essa ética relacional e vice-versa. A condução - tal qual um motorista, em uma estrada de terra, à beira do abismo, numa madrugada sem lua - deve ser cuidadosa, atenta aos detalhes, precisa e em escuta constante. Chamamos essa forma de manejar e conduzir qualquer curso no Lume de condução composicional. A palavra composição - que é raiz da palavra composicional - é importante no contexto do Lume, pois além de ser uma palavra que edifica essa nossa base pedagógica, também delinea nossas criações artísticas.

Composição, composição, eis a única definição de arte. A composição é estética, e o que não é composto não é uma obra de arte. Não confundiremos, todavia, a composição técnica, trabalho do material [...] e a composição estética, que é o trabalho da sensação. Só esta última merece plenamente o nome de composição, e nunca uma obra é feita por técnica ou pela técnica. (Deleuze; Guatarri, 1992, p. 247).

A condução é composicional pois nessa pedagogia do Lume não visamos a técnica formal ou um corpo somente preciso e forte no tempo-espaço; não buscamos um trabalho técnico corporal em sua materialidade - apesar de uma certa técnica sempre aparecer no processo a longo prazo. É justamente por isso que o fundador do Lume, Carlos Simioni, sempre fala em conversas e entrevistas uma frase aparentemente contraditória para quem não conhece os reais objetivos investigativos do núcleo: "Aqui nunca trabalhamos o corpo!". O que investigamos, seja em processos criativos, seja em processos pedagógicos, é uma busca na qual, a partir do corpo, tomando o copo como elemento de base, é a busca da ativação de uma certa materialidade impalpável, escorregadia e invisível - portanto incorpórea - que podemos chamar de processos, desvios, potências, intensidades, frestas. Procuramos sempre a possibilidade de um outro oxigênio para respirar. É por isso que essa condução composicional da qual falamos, busca uma certa composição com o outro, com o tempo, com o espaço

e com outras possibilidades e intensidades de você mesmo - uma certa composição da decomposição de si.

Para que isso seja possível, cada ator ou atriz cria o que estamos chamando de uma dramaturgia pedagógica própria, ou seja, um roteiro único de possibilidades de trabalhos, vivências e conjuntos de práticas a serem experienciados na duração do curso. É uma dramaturgia pedagógica ao mesmo tempo precisa e aberta. Ela não visa, de forma alguma, chegar em um determinado ponto ou gerar um progresso técnico e expressivo em termos objetivos teatrais e materiais, mas objetiva proporcionar possíveis espaços de experiência intensiva para que o corpo tenha uma certa potência de abertura para se entregar a outras possibilidades.

Essa dramaturgia pedagógica é precisa, pois possui em seu bojo organizacional, práticas concretas a serem experienciadas, encadeamentos-sequências claras e campos corporais, espaciais, temporais e intensivos específicos a serem trabalhados. Mas deve ser, ao mesmo tempo, aberta em sua modulação fina, ou seja, em sua microscopia. Ela pode e deve ser alterada, ampliada, recortada, reduzida, modificada, decomposta, transformada e variada em suas microrrelações. A condução composicional, como emergência da ética relacional, tem como alicerce produzir composições da/na variabilidade microscópica dessa dramaturgia pedagógica construída e criada por cada ator ou atriz.

Toda essa variabilidade microscópica da condução está assentada em duas ações práticas que são a escuta e uma certa improvisação pedagógica microscópica.

Já discorreremos brevemente sobre a "escuta" em nosso livro "Práticas Teatrais: sobre presenças, treinamentos, dramaturgias e processos" (2020). Nesta obra afirmamos que a escuta é microscópica e invisível e que ampliar a capacidade de "escutar os pequenos acontecimentos ao redor" é manter a atenção no limite do extremamente sutil. O ato de "escutar" como busca do corpo se relaciona mais com o seu poder de composição com as forças externas para ampliação da potência do que pela sua capacidade de agir racionalmente. Aliás, chamamos essa ação

de "escuta" frequentemente em sala de trabalho; entendemos a ação de escutar como um plano complexo: escutar como a possibilidade de abrir-se ao outro, como fissuras para que as afecções externas do trabalho pedagógico possam invadir cada poro daquele que conduz, ativando um possível conhecimento intuitivo que pode abrir e recriar a própria condução do fluxo pedagógico inicialmente proposto. Escutar como abertura para um campo sensível, micro perceptivo e que pode proporcionar uma possível improvisação microscópica da dramaturgia pedagógica previamente gerada. É dessa forma que a "escuta" recompõe a dramaturgia pedagógica proposta levando a uma improvisação de novas possibilidades de composição nas sutilezas do encaminhamento dos cursos. Uma escuta que leva a uma improvisação criativa e que reinventa, de forma sutil e microscópica, os detalhes e as pequenas dobras da dramaturgia pedagógica proposta por cada ator e cada atriz do Lume.

Olha, eu fiquei muito emocionada com esse grupo. Eu fico até pensando 'nossa, será que foi assim em todos os grupos?' Porque foi uma entrega tão grande assim, né? Tinha gente do Uruguai, da Colômbia, da Argentina, tinha gente da Bahia, do Tocantins, do Mato Grosso, de São Paulo. Tinha gente jovem, tinha gente mais velha, tinha gente com muita experiência, com pouca experiência. E foi um encontro mesmo. Eu senti que as pessoas estavam totalmente entregues e disponíveis e confiantes no processo, se jogando e suando junto. E foi tão bonito ver o caminho de cada um, né? Eu acho que também essa imersão que o Lume propõe, que tem os cursos, mas também tem essa semana ali na sede. De repente, quando a gente foi ver lá as cenas do Escambo. Nossa, de repente você vê aquela pessoa que estava lá fazendo aquilo. Caramba, eu não tinha visto isso nessa pessoa. Gente que eu não encontraria de outro modo mesmo. Porque é isso. Cada pessoa chega no Lume buscando coisas diferentes. Isso é muito interessante, né? E ali é meio a pororoca, né, que de

repente esses mares todos se encontram e alguma coisa acontece que só aconteceria porque se encontrou naquele momento, naquela luação. Então foi um grupo muito especial. Assim, eu fiquei muito encantada com as pessoas com histórias tão diferentes e me ensinando tanto assim. Acho que essa coisa de aprender isso do teatro, da dança também. Mas acho que no teatro essa criatividade é tão forte. Aprender com o outro, olhando o outro, jogando com o outro. Isso para mim é um presente. Começar o ano assim foi restaurador (Participante dos Cursos de Fevereiro, 2025 - Brasil, São Paulo).

O Lume, em seus processos pedagógicos, está em experimentação. Essa é nossa constante cosmológica. É um gerúndio que saboreia em fluxo: continuidades, transbordamentos, integrações, pactos, construções de ética em relação, conduções em composição sutis, pluralidades, autonomias, escutas, improvisações criativas.

E continua...

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **O que é Filosofia?** Trad. Bento Prado Junior e Alberto Alonso Munoz São Paulo: Editora 34, 1992.

ESPINOSA, Bento de. **Ética**. Lisboa : Relógio D'água: 1992.
FERRACINI, Renato; HIRSON, Raquel Scotti; COLLA, Ana Cristina. **Práticas teatrais: sobre presenças, treinamentos, dramaturgias e processos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2020.

FOUCAULT, Michel. Tecnologias de si. **Revista Verve**, São Paulo, n.6, p. 321-360, 2004.

GIL, José. **A Imagem Nua e as Pequenas Percepções – Estética e Metafenomenologia**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2005.

QUILICI, Cassiano Sydow. O Conceito de "Cultivo de Si" e os Processos de Formação e Criação do Ator/Performer. **Anais da Abrace**. 2011. Disponível em. investigando...<https://www.iar.unicamp.br/publionline/abrace/hosting.iar.unicamp.br/publionline/index.php/abrace/article/view/3142.html>, Acesso 26/03/2025 às 15:47.

REICHERT, Maiquel Cristian; ANDRÉ, Carminda Mendes. Cartografias do professor de artes cênicas Atuação de um professor múltiplo. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 140–152, 2022. DOI: 10.5965/24471267832022140. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/22495>. Acesso em: 27 mar. 2025.

TAVARES, Gonçalo Manuel. **Livro da Dança - Projecto para uma poética do movimento**. Relógio D'Água Editores, Lisboa. 2ª edição, 2018.

Submetido em: 29/03/2025

Aceito em: 01/12/2025